



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BACABAL - CESB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA**

ADRIELLY MARINHO CAMPOS

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Um estudo sobre a metodologia
fônica de alfabetização na conjuntura hodierna

BACABAL - MA

2026

ADRIELLY MARINHO CAMPOS

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Um estudo sobre a metodologia fônica
de alfabetização na conjuntura hodierna

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA, Campus Bacabal, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Me. Vilmar Martins da Silva.

BACABAL - MA

2026

Campos, Adrielly Marinho.

Transtorno do Espectro Autista: um estudo sobre a metodologia fônica de alfabetização na conjuntura hodierna / Adrielly Marinho Campos. - Bacabal - MA, 2026.

56 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal, 2026.

Orientador: Prof. Me. Vilmar Martins da Silva.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Alfabetização. 3. Metodologia fônica. 4. Consciência fonológica. 5. Educação inclusiva. I. Título.

CDU: 372.41:376-056.36

Elaborado por Anderson de Araújo Machado - CRB 13/746

ADRIELLY MARINHO CAMPOS

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Um estudo sobre a metodologia fônica
de alfabetização na conjuntura hodierna**

Trabalho de Monografia apresentado ao curso de
Pedagogia Licenciatura da Universidade do
Maranhão, como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 16/07/2026

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
VILMAR MARTINS DA SILVA
Data: 22/07/2026 15:22:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ORIENTADOR: Prof. Me. Vilmar Martins da Silva



Documento assinado digitalmente
FILIPPE DA CUNHA GOMES
Data: 23/07/2026 00:25:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Felipe Cunha Gomes



Documento assinado digitalmente
FRANCIMEIRE SOUSA MARTINS
Data: 24/07/2026 08:20:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Francimeire Sousa Martins

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu força, sabedoria e perseverança para superar cada desafio e chegar até este momento tão especial. À minha família, deixo minha mais sincera gratidão por todo amor, apoio, incentivo e compreensão durante essa caminhada. Nos momentos de dificuldade, foram vocês que me deram forças para continuar e acreditar que eu seria capaz de alcançar este objetivo.

Esta conquista é resultado de muita dedicação, esforço e determinação ao longo dos anos. Foram momentos de aprendizado, crescimento e superação que contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Agradeço também a todos os professores e pessoas que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória e colaboraram para a realização deste sonho. Concluir esta etapa representa uma grande vitória e um motivo de imenso orgulho e gratidão.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) manifesta-se por meio de alterações no neurodesenvolvimento que impactam a comunicação social e a interação, impondo desafios singulares ao processo de alfabetização. Esta monografia discute a contribuição da metodologia fônica como ferramenta de acessibilidade cognitiva para alunos com TEA na conjuntura hodierna. A pesquisa objetivou responder à seguinte problemática: Quais estratégias os professores utilizam para a alfabetização de alunos com TEA no ensino regular e de que maneira a aplicação sistemática da metodologia fônica auxilia na superação das barreiras de processamento auditivo e visual na conjuntura atual? O objetivo geral consistiu em identificar como a instrução fônica sistemática auxilia na superação de barreiras de processamento auditivo e visual, garantindo o direito ao letramento funcional. A fundamentação teórica pautou-se em autores como Capovilla (2007), Haduo (2024), Silva (2022) e nas legislações vigentes, como a Lei Berenice Piana (2012) e a Política Nacional de Alfabetização (2019). Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, composta por levantamento bibliográfico e pesquisa de campo na Unidade de Ensino Carlos Dias Sardinha, em Bom Lugar – MA. Os dados coletados via questionário e observação direta evidenciaram que a aplicação correta do método fônico, quando mediada por profissionais capacitados e apoiada por recursos lúdicos e tecnológicos, proporciona a previsibilidade necessária ao aprendizado autista. Os resultados demonstraram que o aluno progride significativamente na consciência fonológica ao associar sons a grafemas, especialmente quando estratégias de hiperfoco são utilizadas para manter o engajamento. Conclui-se que a metodologia fônica representa um diferencial indispensável para a autonomia intelectual do estudante atípico, sendo fundamental o investimento em formação docente continuada para a efetivação de uma escola verdadeiramente inclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Alfabetização. Metodologia Fônica. Consciência Fonológica. Educação Inclusiva.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by neurodevelopmental changes that impact social communication and interaction, posing unique challenges to the literacy process. This monograph analyzes the contribution of the phonic methodology as a tool for cognitive accessibility for students with ASD in the current context. The general objective was to identify how systematic phonic instruction assists in overcoming auditory and visual processing barriers, guaranteeing the right to functional literacy. The theoretical framework was based on authors such as Capovilla, Haduo, Silva, and current legislation, such as the Berenice Piana Law and the National Literacy Policy. Methodologically, an exploratory qualitative research was conducted, consisting of a bibliographic survey and field research at the Carlos Dias Sardinha Teaching Unit in Bom Lugar – MA. The data collected via questionnaire and direct observation showed that the correct application of the phonic method, when mediated by trained professionals and supported by playful and technological resources, provides the necessary predictability for autistic learning. The results demonstrated that the student progresses significantly in phonological awareness by associating sounds with graphemes, especially when hyperfocus strategies are used to maintain engagement. It is concluded that the phonic methodology represents an indispensable differential for the intellectual autonomy of the atypical student, and investment in continuous teacher training is fundamental for the implementation of a truly inclusive school.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Literacy. Phonic Methodology. Phonological Awareness. Inclusive Education.

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNE/CEB – Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica

DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LBI – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PEI – Plano de Ensino Individualizado

PNA – Política Nacional de Alfabetização

PNE – Plano Nacional de Educação

TEA – Transtorno do Espectro Autista

LISTA DE LEIS E RESOLUÇÕES

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

Declaração de Salamanca (1994)

Lei nº 8.069/1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Lei nº 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

Lei nº 12.764/2012 – Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei Berenice Piana)

Lei nº 13.005/2014 – Plano Nacional de Educação (PNE)

Lei nº 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) – Estatuto da Pessoa com Deficiência

Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001 – Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica

Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019 – Institui a Política Nacional de Alfabetização (PNA)

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – 2017

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Dificuldades pedagógicas no processo de alfabetização de alunos com TEA	45
Tabela 02 – Familiaridade com os fundamentos da Metodologia Fônica	45
Tabela 03 – Frequência de utilização da consciência fonológica	46
Tabela 04 – Principais dificuldades apresentadas pelos alunos com TEA	46
Tabela 05 – Impacto do método fônico na segurança da aprendizagem	46
Tabela 06 – Planejamento e sistematização do processo de alfabetização	47
Tabela 07 – Respeito ao tempo de processamento da criança autista	47
Tabela 08 – Uso de recursos tecnológicos e materiais concretos	48
Tabela 09 – Formação acadêmica para atuação inclusiva	48
Tabela 10 – Relação entre instrução fônica e autonomia intelectual	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O PROCESSAMENTO DA APRENDIZAGEM.....	15
2.1 Evolução histórica e diagnóstica do Transtorno do Espectro Autista	15
2.2 O processamento cognitivo e linguístico no autismo	19
3. A METODOLOGIA FÔNICA E A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA	22
3.1 Fundamentos e mecanismos de aprendizagem da metodologia fônica.....	22
3.2 Amparo legal e políticas públicas de inclusão escolar no Brasil	24
3.3 A mediação pedagógica e o papel do profissional capacitado.....	26
3.4 Tecnologias assistivas, ludicidade e o lúdico na alfabetização fônica.....	28
4. A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	30
4.1 A formação do pedagogo alfabetizador e a mediação pedagógica.....	31
4.2 Tecnologias assistivas e recursos didáticos no método fônico	33
4.3 A relação entre escola e família no suporte à alfabetização fônica.....	37
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
5.1 Tipo de pesquisa.....	41
5.2 Lócus da pesquisa.....	42
5.3 Sujeitos da pesquisa.....	42
5.4 Instrumentos de coleta de dados	43
5.5 Procedimentos de análise dos dados.....	43
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES.....	55

1. Introdução

Este projeto de pesquisa tem como temática o Transtorno do Espectro Autista: um estudo sobre a metodologia fônica de alfabetização na conjuntura hodierna, compreendendo este processo como um percurso singular da vida escolar, marcado por desafios específicos no neurodesenvolvimento e nas práticas pedagógicas. Essa etapa passa a exigir estratégias diferenciadas de ensino, uma vez que a alfabetização, anteriormente vista sob métodos puramente globais, torna-se mais eficaz quando direcionada à sistematização dos sons e letras através da consciência fonológica.

A alfabetização inicial é uma fase crucial no desenvolvimento da criança com autismo, pois impacta diretamente sua autonomia e capacidade de comunicação. Enquanto algumas crianças respondem bem a estímulos visuais, o processamento fonológico exige uma instrução explícita para superar barreiras de abstração. Nesse contexto, a mediação pedagógica fundamentada em evidências científicas é essencial para que o aluno se sinta seguro e apto a decodificar o sistema de escrita de forma lógica e funcional.

Objetivando identificar como ocorre a aplicação da metodologia fônica no processo de alfabetização de crianças com TEA no 1º ano do ensino fundamental, na Unidade de Ensino Carlos Dias Sardinha na cidade de Bom Lugar - MA e tendo como objeto de pesquisa os proveitos da metodologia fônica na alfabetização quando aplicada corretamente por profissionais capacitados.

Os autores e marcos legais que embasam este estudo incluem Haduo (2024), Silva (2022), Kosloski e Rodrigues (2023), Santos, Sousa e Lima (2022), Jerke (2021), Capovilla (2007), Freire (2017), Oliveira (2005), a Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana), a Lei nº 13.146/2015 (LBI), a BNCC (2017), o Decreto nº 9.765/2019 (PNA) e as reflexões de Guimarães (2017) e Ariès (1981).

A relevância deste estudo se apresenta no âmbito profissional, ao instrumentalizar pedagogos na construção de práticas alfabetizadoras mais assertivas e científicas; no âmbito educacional, ao assegurar um aprendizado que respeite a neurodiversidade; e no âmbito acadêmico, ao ampliar as discussões

sobre o método fônico como ferramenta de acessibilidade cognitiva no 1º ano do Ensino Fundamental.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de fundamentar a prática docente frente ao TEA em evidências científicas, bem como pela importância de oferecer subsídios técnicos que contribuam para que a alfabetização ocorra de forma sequencial e previsível, assegurando uma trajetória escolar mais exitosa e funcional para os alunos no espectro.

Ao refletir sobre os benefícios da instrução fônica explícita, é possível promover práticas que superem o empirismo, fortalecendo a confiança e a autonomia intelectual da criança autista. Assim, o estudo dessa metodologia é fundamental para que o direito à educação se converta em inclusão pedagógica real, tornando o ingresso no mundo da escrita uma experiência de desenvolvimento integral.

Nesse sentido, a pesquisa objetivou responder à seguinte problemática: Quais estratégias os professores utilizam para a alfabetização de alunos com TEA no ensino regular e de que maneira a aplicação sistemática da metodologia fônica auxilia na superação das barreiras de processamento auditivo e visual na conjuntura atual? A alfabetização desses estudantes representa um momento delicado, pois envolve mudanças no processamento da informação linguística. Muitas vezes, a prática ocorre de forma assistemática, o que pode gerar insegurança e frustração por parte da criança diante das exigências acadêmicas do ensino fundamental.

Nesse contexto, observa-se que nem sempre os profissionais estão capacitados para lidar com as especificidades do processamento cognitivo no autismo, o que pode dificultar a construção de um ambiente favorável à alfabetização. Diante dessa realidade, surge a necessidade de compreender como ocorre a atuação qualificada dos professores, bem como quais estratégias são utilizadas para tornar essa aprendizagem significativa. E essas estratégias incluem: instrução fônica explícita, reforço da consciência fonêmica, uso de recursos lúdicos e tecnológicos e a comunicação constante com a família para minimizar rupturas no aprendizado.

A metodologia adotada caracteriza-se como exploratória, descrita como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de estudos bibliográficos e pesquisa de campo, buscando compreender o impacto do método fônico no autismo. A pesquisa considera que a alfabetização de alunos atípicos é

uma fase que exige tempo e um planejamento único de acolhimento. Nesse sentido, o estudo busca compreender de que forma esse processo pode ser conduzido de maneira sensível às necessidades das crianças. Por meio da pesquisa bibliográfica, são analisadas produções teóricas sobre habilidades metafonológicas e neurociência, enquanto a pesquisa de campo possibilita observar como os professores atuam como mediadores, utilizando a sonorização como estratégia para tornar o aprendizado menos oneroso para o aluno.

Esta pesquisa está estruturada em seis capítulos. O primeiro capítulo corresponde à introdução, na qual são apresentados o tema, a problemática, os objetivos, a justificativa, a relevância do estudo e os procedimentos metodológicos que orientam a pesquisa. O segundo capítulo aborda os aspectos conceituais do Transtorno do Espectro Autista, contemplando sua evolução histórica e diagnóstica, bem como o processamento cognitivo e linguístico relacionado ao processo de aprendizagem. O terceiro capítulo discute a metodologia fônica na alfabetização de crianças com TEA, apresentando seus fundamentos, o amparo legal, a importância da mediação pedagógica e o uso de tecnologias assistivas e recursos lúdicos.

O quarto capítulo, por sua vez, trata da mediação pedagógica no processo de alfabetização, enfatizando a formação do pedagogo alfabetizador, a utilização de recursos didáticos e tecnológicos e a parceria entre escola e família no apoio ao desenvolvimento da criança. O quinto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa, descrevendo o tipo de estudo, o lócus, os sujeitos participantes, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise. Por fim, o sexto capítulo expõe a discussão dos resultados obtidos na pesquisa de campo, seguida das considerações finais, nas quais são apresentadas as conclusões do estudo e as contribuições da pesquisa para a educação inclusiva.

2. O transtorno do Espectro Autista e o processamento de aprendizagem

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pela ciência contemporânea como uma condição complexa do neurodesenvolvimento, cujas manifestações clínicas se estruturam em prejuízos na comunicação social e na presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. A utilização do termo "espectro" é

fundamental para a pedagogia, pois reconhece a ampla heterogeneidade e os variados níveis de suporte exigidos por cada indivíduo. Diferente de uma visão estática, o espectro reflete uma diversidade de funcionamento neurológico que demanda uma análise detalhada das funções executivas e sensoriais no ato de aprender.

No campo da alfabetização, esse processamento atípico de informações linguísticas exige que o pedagogo ultrapasse o ensino tradicional. Crianças inseridas no espectro costumam apresentar uma percepção focada em detalhes, o que pode dificultar a compreensão de métodos puramente globais que dependem da intuição linguística. Assim, a compreensão do TEA no contexto atual envolve o reconhecimento de que a aprendizagem não é impedida pela condição, mas sim condicionada à oferta de estratégias explícitas e sistemáticas que respeitem a arquitetura cerebral do aluno.

Historicamente, a transição do olhar médico-hospitalar para o modelo social de inclusão permitiu que o autismo fosse compreendido sob a ótica dos direitos e da educação baseada em evidências. Essa mudança de paradigma fundamenta a necessidade de uma mediação técnica qualificada, amparada por marcos legais que garantem a acessibilidade pedagógica. Dessa forma, ao conceituar o TEA e o processamento da aprendizagem, este capítulo estabelece que o sucesso escolar do autista é diretamente proporcional ao domínio de métodos científicos que facilitem a organização do pensamento e a aquisição do código escrito.

2.1. Evolução histórica e diagnóstica do Transtorno do Espectro Autista

A história do Transtorno do Espectro Autista revela profundas mudanças na forma como a sociedade compreende as diferenças humanas. Durante muitos anos, indivíduos autistas foram interpretados a partir de concepções equivocadas, frequentemente associadas a quadros de isolamento voluntário ou patologias graves de origem emocional. Essas interpretações contribuíram para processos de exclusão social e educacional que marcaram a trajetória de inúmeras crianças ao longo do século XX, atrasando o desenvolvimento de práticas pedagógicas assertivas.

As primeiras descrições científicas do autismo surgiram na década de 1940, quando pesquisadores passaram a observar padrões comportamentais específicos que não se enquadravam em outras categorias diagnósticas da época. A partir desses estudos pioneiros, tornou-se possível diferenciar o autismo de outros transtornos do desenvolvimento, inaugurando um campo de investigação que passaria a influenciar diretamente a educação especial. O reconhecimento dessas características foi o primeiro passo para que a escola começasse a considerar a necessidade de suportes diferenciados. Sobre o marco inicial da descrição clínica do transtorno e a relevância dos estudos precursores, Silva (2022) esclarece:

O termo autismo foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1943, através do conceito do psiquiatra austríaco Leo Kanner. Nesse sentido, os psiquiatras utilizam o termo "autismo" para identificar crianças com atraso no desenvolvimento e dificuldade de manter relacionamentos. Um ano depois, em 1944, o psiquiatra e pesquisador austríaco Hans Asperger escreveu "Psiquiatria no Autismo Infantil", descrevendo os padrões comportamentais específicos e as habilidades de crianças com autismo (SILVA, 2022, p. 12).

Internacionalmente, a transição para um modelo de educação inclusiva foi impulsionada pela Declaração de Salamanca (1994), que estabeleceu princípios e diretrizes mundiais para o atendimento a necessidades especiais. Este documento foi o catalisador para que os sistemas de ensino ao redor do mundo, incluindo o Brasil, passassem a reformular suas políticas, defendendo que as escolas regulares deveriam acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais ou sociais, combatendo a segregação histórica.

No cenário nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069/90) reforçou o direito da criança à proteção integral e à educação. O ECA estabeleceu que é dever do Estado assegurar o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Essa garantia jurídica foi o alicerce para que o autismo deixasse de ser visto apenas como uma questão de saúde pública e passasse a ser tratado como uma pauta prioritária da política educacional brasileira.

A consolidação dessas garantias ocorreu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96). Em seu Capítulo V, a LDB define a Educação

Especial como uma modalidade transversal a todos os níveis de ensino, determinando que o poder público deve instituir procedimentos de flexibilização e adaptação curricular. Para o aluno com TEA, a LDB representa a obrigatoriedade de uma escola que se reorganize para atender às suas especificidades de aprendizagem e comunicação.

A evolução legal seguiu com o Plano Nacional de Educação (PNE), que estipulou metas ambiciosas para a universalização do acesso à escola para o público da educação especial. O PNE foca não apenas na matrícula, mas na oferta de atendimento educacional especializado (AEE) e na garantia de recursos de acessibilidade. Esse planejamento de Estado é fundamental para que as escolas municipais e estaduais recebam investimentos voltados à contratação de mediadores e à compra de materiais didáticos adaptados.

Nesse contexto, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência representou um importante marco normativo ao reafirmar os direitos fundamentais e a plena participação na sociedade. A referida legislação define o conceito de deficiência sob a perspectiva social, onde o impedimento de longo prazo interage com barreiras que impedem a participação plena. Conforme dispõe a referida legislação:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015).

A partir dessa concepção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) consolidou o compromisso com a equidade. A BNCC orienta que as aprendizagens essenciais, como a alfabetização, devem ser garantidas a todos os estudantes, respeitando seus ritmos. Para o autista, o documento normativo sinaliza que o professor deve utilizar estratégias diversificadas para que as competências de

leitura e escrita sejam atingidas, promovendo o letramento como uma ferramenta de inclusão social e autonomia.

Somam-se a este arcabouço as resoluções do Conselho Nacional de Educação, como a Resolução CNE/CEB nº 2/2001, que institui as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Tais resoluções amparam o aluno ao regulamentar a organização dos serviços de apoio e a terminalidade específica dos estudos. Essas normas são essenciais para que o pedagogo saiba como proceder diante da necessidade de flexibilização do tempo escolar e da avaliação diferenciada para o estudante no espectro.

A promulgação da Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012) completou esse ciclo de marcos legais ao oficializar o autista como pessoa com deficiência para todos os efeitos. Esta lei proibiu explicitamente a recusa de matrícula e garantiu o direito ao acompanhante especializado em classes comuns, caso haja necessidade comprovada. Essa conquista assegura que o percurso escolar do autista seja protegido contra negligências metodológicas, legitimando o uso de práticas baseadas em evidências, como a metodologia fônica.

Atualmente, a evolução histórica e os marcos legais refletem a necessidade de instrumentalizar o professor frente à heterogeneidade do espectro. Não basta mais apenas acolher o aluno conforme os decretos vigentes; é preciso oferecer as ferramentas técnicas para o seu desenvolvimento cognitivo real. A trajetória do TEA mostra que a inclusão só se efetiva quando o direito legal se une à precisão pedagógica, garantindo que o aluno atípico conquiste a autonomia intelectual através do domínio da linguagem escrita na atualidade.

2.2. O processamento cognitivo e linguístico no autismo

A compreensão do processamento cognitivo e linguístico no autismo constitui o elemento central para a elaboração de qualquer estratégia pedagógica voltada à alfabetização. No TEA, as funções neurobiológicas operam de maneira atípica, influenciando a forma como a criança percebe e organiza os estímulos sonoros e visuais. Sem o entendimento desse funcionamento, a prática docente corre o risco de aplicar métodos que não "conversam" com a arquitetura cerebral do educando.

O processamento cognitivo do autista é frequentemente caracterizado por uma forte percepção de detalhes, em detrimento de uma visão global (coerência central fraca). Na alfabetização, isso significa que o aluno pode ter dificuldade em extrair o sentido de um texto inteiro se não compreender as partes que o compõem. Por essa razão, a metodologia fônica, que decompõe a língua em suas unidades mínimas, apresenta-se como uma abordagem compatível com esse perfil cognitivo.

Uma das particularidades mais marcantes reside na dificuldade de compreensão de convenções linguísticas implícitas. Enquanto crianças neurotípicas podem "deduzir" o som das letras através do contato global com a escrita, o aluno com TEA necessita de uma instrução explícita e sistemática. A abstração necessária para aprender a ler exige um suporte que transforme o código alfabético em algo lógico e previsível. Sobre as características essenciais do transtorno conforme os parâmetros diagnósticos atuais, Haduo (2024) descreve:

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) reconhecido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) é definido na perspectiva comportamental como um transtorno complexo do neurodesenvolvimento. As características essenciais do TEA são prejuízos persistentes na comunicação social recíproca, na interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades (Haduo, 2024, p. 21).

Esses prejuízos na comunicação social recíproca têm impacto direto na aquisição da linguagem escrita, pois a alfabetização é, acima de tudo, um processo de interação e troca de significados. Quando a base da comunicação social está alterada, o aprendizado da leitura precisa de um "trilho" que ofereça segurança cognitiva. A previsibilidade do método fônico atua como um agente redutor de ansiedade para o aluno autista durante esse processo.

Outro fator determinante é o papel das funções executivas, como a memória de trabalho e o controle inibitório. No autismo, o processamento de múltiplas informações simultâneas pode gerar uma sobrecarga sensorial. Ao focar no som da letra isoladamente antes de formar a sílaba, o professor reduz a demanda sobre a memória de trabalho, permitindo que o aluno consolide cada etapa do aprendizado de forma sequencial e duradoura.

A consciência fonológica, entendida como a habilidade de manipular os sons da fala, é a competência metalinguística que mais se beneficia de uma instrução estruturada no TEA. Muitos autistas apresentam falhas no processamento auditivo que dificultam a percepção da rima ou da aliteração. Estimular essas habilidades de forma direta é o que permite que a criança entenda que a fala pode ser segmentada e representada graficamente.

A transição entre a linguagem oral e a escrita é um dos maiores desafios para o educando no espectro. Como muitos autistas possuem atrasos na fala ou uma linguagem muito literal, a decodificação fonema-grafema serve como um tradutor lógico do mundo sonoro. O sucesso na alfabetização depende, portanto, da clareza com que essas relações são apresentadas em sala de aula. Sobre a importância preditora das habilidades metafonológicas, Haduo (2024) reforça:

Dentre as habilidades preditoras para aquisição do sistema de escrita alfabético estão as habilidades metalinguísticas, também conhecidas como consciência fonológica. Para adquirir a leitura e escrita, é necessário que o escolar realize a identificação, a análise, a síntese e a manipulação dos componentes fonológicos em níveis silábico e fonêmico para a adequada percepção fonema-grafema (Haduo, 2024, p. 19).

Essa percepção adequada do fonema-grafema é a "chave" que abre as portas do letramento para o autista. Sem o desenvolvimento dessas habilidades preditoras, a alfabetização corre o risco de ser apenas mecânica (hiperlexia sem compreensão) ou inexistente. A intervenção fônica atua justamente na base do processamento linguístico, garantindo que o aluno compreenda a estrutura da língua que está tentando dominar.

A heterogeneidade do espectro também se manifesta no processamento visual. Alguns autistas são "pensadores visuais" e utilizam imagens para apoiar o pensamento. No método fônico, o uso de suportes visuais que representam a articulação dos sons (boquinhas) ou alfabetos móveis concretos ajuda a ancorar a informação auditiva, facilitando a memorização e a síntese fonêmica necessária para a leitura de palavras.

A estabilidade emocional do aluno atípico está diretamente ligada ao seu sucesso na aprendizagem. Quando o método de ensino é confuso ou exige saltos lógicos que a criança não consegue dar, surgem comportamentos disruptivos

decorrentes da frustração. A metodologia fônica, por ser organizada e progressiva, oferece ao aluno a sensação de domínio sobre o conteúdo, favorecendo um ambiente de aprendizagem harmonioso.

Além disso, o processamento cognitivo no TEA exige uma mediação pedagógica que valorize a repetição intencional. O que para outros alunos pode parecer monótono, para o autista é a oportunidade de consolidar um padrão sináptico. O método fônico permite essa prática intensiva e repetitiva das correspondências sonoras, respeitando o ritmo e o tempo de resposta singular de cada educando.

Logo, compreender o funcionamento linguístico do autista significa reconhecer que ele aprende através de regras e sistemas. A língua escrita, enquanto sistema de símbolos, precisa ser ensinada através de sua lógica interna. O fortalecimento da consciência fonológica é o caminho mais seguro para converter o potencial cognitivo do autista em competência leitora funcional e autônoma.

Dessa forma, a apuração do processamento cognitivo e linguístico no autismo ratifica a superioridade de abordagens estruturadas na contemporaneidade. Ao oferecer clareza e objetividade, a metodologia fônica responde às necessidades neurobiológicas do aluno, promovendo uma inclusão pedagógica efetiva. O capítulo seguinte detalhará os mecanismos específicos desta metodologia e sua aplicação prática no cotidiano escolar.

3. A metodologia fônica e a alfabetização de crianças com TEA

A alfabetização constitui um dos processos mais relevantes da educação básica, uma vez que possibilita ao indivíduo o acesso à cultura escrita e amplia suas possibilidades de participação social. No caso dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse processo requer estratégias pedagógicas cuidadosamente planejadas, capazes de respeitar as especificidades do desenvolvimento cognitivo e linguístico apresentadas por cada educando. A presente realidade exige que o pedagogo supere práticas puramente empíricas e adote métodos que possuam evidências científicas de eficácia.

Nesse contexto, a metodologia fônica tem recebido crescente destaque nas pesquisas educacionais devido aos resultados positivos observados no

desenvolvimento da leitura e da escrita. Fundamentada nos estudos das ciências cognitivas e da neurociência da aprendizagem, essa abordagem propõe o ensino sistemático das relações entre fonemas e grafemas, permitindo que a criança compreenda gradativamente o funcionamento do sistema alfabético. Tal método oferece um suporte estruturado que se alinha à necessidade de rotina e clareza do aluno no espectro.

A utilização da consciência fonológica como base do processo de alfabetização oferece ao estudante uma estrutura lógica e previsível para a aprendizagem. Tal característica revela-se especialmente relevante para crianças autistas, que frequentemente apresentam melhor desempenho quando submetidas a atividades organizadas, sequenciais e explicitamente orientadas. A compreensão dos fundamentos deste método, aliada ao amparo legal e à mediação qualificada, constitui o alicerce para garantir o direito ao letramento funcional e à autonomia intelectual.

3.1 Fundamentos e mecanismos de aprendizagem da metodologia fônica

A metodologia fônica fundamenta-se na compreensão de que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorre de maneira mais eficiente quando a criança desenvolve consciência acerca dos sons que compõem a linguagem oral. Diferentemente de métodos que priorizam o reconhecimento visual global das palavras, a abordagem fônica ensina explicitamente as relações entre fonemas e grafemas, permitindo que o estudante compreenda a lógica interna da língua. Esse método parte do princípio de que a leitura é uma habilidade construída gradualmente, exigindo o domínio de competências específicas relacionadas ao processamento fonológico.

O ensino é organizado em etapas progressivas que respeitam o desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança, iniciando pelos sons mais simples (vogais) e avançando para estruturas linguísticas mais complexas (consoantes e dígrafos). A consciência fonológica constitui o principal alicerce dessa metodologia, sendo definida como a capacidade de perceber, identificar e manipular os sons presentes na fala. O desenvolvimento dessa habilidade favorece significativamente o processo de alfabetização, pois possibilita ao estudante compreender que a escrita é a representação dos sons das palavras.

No caso dos alunos com TEA, a clareza e a previsibilidade proporcionadas pela metodologia fônica representam importantes fatores facilitadores da aprendizagem. Ao oferecer instruções objetivas e sequenciais, o método reduz ambiguidades e favorece a organização do pensamento, contribuindo para a construção gradual das habilidades leitoras e escritoras. Sobre a importância desta organização progressiva e da conquista gradual de etapas, Silva (2022) destaca os fundamentos de Capovilla:

Os métodos fonéticos apresentam vogais após encontro vocálico, seguido de apresentação de consoantes, encontro consonantal, dígrafos, sílabas, palavras e texto. Na sua utilização, tudo é organizado em etapas de ensino, e como cada uma tem sua importância, recomenda-se avançar somente após a conquista de cada etapa. [...] O método fônico ou fonético engloba uma série de métodos de síntese que priorizam a correspondência grafofônica. Seu princípio organizador é enfatizar a relação direta entre fonemas e grafemas, ou seja, entre fonética e escrita (Silva, 2022, p. 25-33).

A organização descrita evidencia a importância de uma aprendizagem estruturada que atenda à neurodiversidade. Ao dominar gradualmente cada conteúdo, a criança desenvolve maior segurança cognitiva, reduzindo sentimentos de frustração frequentemente associados às dificuldades escolares. Outro aspecto relevante refere-se à relação entre consciência fonológica e compreensão leitora, uma vez que a contribuição do método fônico ultrapassa a simples decodificação, preparando o terreno para a produção de sentidos.

As pesquisas contemporâneas demonstram que o ensino explícito das relações fonema-grafema favorece não apenas o desempenho inicial, mas também o desenvolvimento de habilidades mais complexas relacionadas à fluência. Para os estudantes autistas, esse processo fornece uma estrutura lógica capaz de auxiliar na organização do pensamento linguístico, mitigando falhas de processamento auditivo-visual. Sobre a eficácia deste sistema notacional e sua superioridade científica na alfabetização nacional, Kosloski e Rodrigues (2023) argumentam:

A literatura evidencia a eficácia do método fônico, especialmente em países que o adotaram. Além disso, os resultados das avaliações em larga escala no Brasil demonstram o fracasso da alfabetização nacional, que privilegiaram o método global, uma prática sem evidências científicas a seu favor. Esses resultados revelam a

necessidade de se aprimorar as práticas de alfabetização a partir de métodos balizados por evidências científicas. [...] A alfabetização refere-se à aprendizagem de um sistema notacional que representa os fonemas da fala por meio de grafemas (Koloski; Rodrigues, 2023, p. 1-2).

Nesse sentido, a metodologia fônica representa uma alternativa pedagógica fundamentada em evidências, capaz de contribuir significativamente para a alfabetização inclusiva. Sua eficácia está diretamente relacionada à qualidade da mediação docente e à adequação das estratégias utilizadas às necessidades específicas de cada estudante. Dessa forma, a aprendizagem baseada na consciência fonológica revela-se um importante instrumento para a construção de trajetórias escolares mais exitosas.

3.2 Amparo legal e políticas públicas de inclusão escolar no Brasil

A garantia do direito à educação para pessoas com Transtorno do Espectro Autista constitui uma conquista histórica resultante de importantes avanços legislativos e sociais. Ao longo das últimas décadas, o ordenamento jurídico brasileiro passou a reconhecer a necessidade de assegurar condições adequadas para a participação plena desses estudantes. A Constituição Federal de 1988 representa o principal marco legal nesse processo, ao estabelecer a educação como direito de todos e dever do Estado, fundamentando a democratização do acesso ao conhecimento.

No contexto da educação especial, a inclusão deixou de ser compreendida apenas como acesso físico à escola e passou a envolver a garantia de permanência e aprendizagem efetiva. Essa mudança exigiu a adoção de estratégias pedagógicas que atendam às necessidades específicas do desenvolvimento infantil atípico. Entre os principais instrumentos legais destaca-se a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, consolidando sua proteção jurídica.

A promulgação dessa lei fortaleceu o direito ao acompanhante especializado e assegurou mecanismos para a promoção da igualdade de oportunidades no ambiente escolar regular. A partir desse marco, tornou-se evidente a necessidade de métodos que transformem o acesso legal em sucesso pedagógico. Sobre os

fundamentos constitucionais e infraconstitucionais que amparam esse direito no Brasil, Haduo (2024) sintetiza:

A educação é direito de todas as pessoas, como a Constituição Federal de 1988 Capítulo III Seção 1: Art. 205 A educação é um direito de todos e uma obrigação do Estado e da família, e será promovida e incentivada com a cooperação da sociedade para alcançar o desenvolvimento integral do ser humano. [...] Em dezembro de 2012, foi promulgada a Lei 12.764, que institui uma política nacional de proteção aos direitos das pessoas com transtornos do espectro autista (Haduo, 2024, p. 13-17).

Além da Lei Berenice Piana, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) determinou que o sistema educacional assegure adaptações necessárias para o pleno desenvolvimento do estudante com deficiência. Outro marco importante foi a instituição da Política Nacional de Alfabetização (PNA) pelo Decreto nº 9.765/2019, que reforçou a importância da alfabetização baseada em evidências. Essa política destacou a consciência fonológica como elemento essencial para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

A valorização das evidências científicas pela PNA representa um avanço significativo para a educação inclusiva, combatendo o desensino gerado por métodos globais assistemáticos. Nesse cenário, o Ministério da Educação passou a incentivar o uso do método fônico como indicação prioritária para reverter os baixos índices de alfabetização. Acerca da nova postura do MEC e das críticas ao modelo de ensino que vigorou nas últimas décadas, Jerke (2021) expõe:

Esta abordagem do MEC tem gerado discórdia entre os especialistas, pois, apesar de se tratarem de métodos e técnicas tradicionais, elas vão de contramão ao que vinha sendo estabelecido anteriormente. Desde os anos 1980, as teorias socioconstrutivistas e os métodos globais de alfabetização substituíram o ensino tradicional [...]. Desta forma, foi colocada sobre os alunos uma responsabilidade que, mais tarde, se comprovou extremamente danosa, deixando grandes prejuízos no desempenho escolar de toda uma nação (Jerke, 2021, p. 1).

As políticas públicas contemporâneas reconhecem que a inclusão efetiva exige mais do que boa vontade institucional; demanda fundamentação técnica. É necessário investir na formação continuada dos professores para que dominem a consciência fonológica conforme as diretrizes nacionais. A articulação entre legislação e práticas fundamentadas cientificamente amplia as possibilidades de

aprendizagem dos estudantes com autismo. Assim, o amparo legal oferece as bases sólidas para que a alfabetização fônica seja implementada como um recurso de equidade.

3.3 A mediação pedagógica e o papel do profissional capacitado

A mediação pedagógica é o fator humano que determina o sucesso da inclusão de alunos com TEA no ensino regular. O pedagogo alfabetizador atua como o principal agente de transformação, sendo responsável por traduzir o sistema de escrita para o perfil cognitivo do aluno autista. Sua atuação exige não apenas sensibilidade afetiva, mas, primordialmente, competência técnica para aplicar a metodologia fônica de maneira assertiva, evitando o empirismo da tentativa e erro que pode comprometer o desenvolvimento da criança.

O profissional capacitado deve compreender que a alfabetização de autistas não ocorre de forma espontânea ou puramente natural. É necessário um planejamento intencional que priorize a instrução explícita, onde cada relação entre som e letra seja ensinada de forma clara. O professor assume, assim, o papel de mediador de processos cognitivos, adaptando o currículo e utilizando recursos que favoreçam a estabilidade emocional e a concentração do educando durante as atividades pedagógicas.

A formação docente inicial e continuada revela-se como um divisor de águas para a efetividade da inclusão em Bom Lugar e no cenário nacional. Professores que dominam a consciência fonológica conseguem identificar com precisão as barreiras de processamento auditivo do aluno, intervindo antes que a frustração se instale. Sobre a necessidade premente de qualificação profissional para lidar com o autismo em sala de aula, Nogueira, Braga e Rossi (2022) afirmam:

Este estudo evidenciou a importância da capacitação dos professores para saberem lidar e aplicar metodologias eficazes que de fato farão a diferença na vida dessas crianças. Como limitação do estudo, pode-se citar a falta de pesquisas sobre crianças com TEA no Brasil, principalmente quando se refere ao processo de ensino/aprendizagem e alfabetização. Sugere-se a futuros pesquisadores a ampliar a amostragem pesquisada (Nogueira; Braga; Rossi, 2022, p. 60).

Essa citação reforça que a atuação profissional qualificada é o que permite ao aluno atípico ultrapassar a barreira da simples integração. O pedagogo deve ser

capaz de criar um Plano de Ensino Individualizado (PEI) que contemple as metas de consciência fonêmica, garantindo que o progresso seja monitorado de forma científica. A mediação eficaz envolve também a capacidade de selecionar materiais didáticos que respeitem o ritmo subjetivo do aluno, promovendo ganhos graduais de autonomia.

A atuação do profissional capacitado estende-se à colaboração com a família e com a equipe multidisciplinar. Conforme a literatura, o professor que domina o método fônico consegue oferecer orientações seguras aos pais, fortalecendo a rede de apoio da criança. Profissionalmente, o domínio desta técnica resgata a autoridade docente como transmissor de conteúdo especializado, superando o papel de mero "facilitador" assistemático e garantindo uma aprendizagem com significado.

O mercado educacional hodierno valoriza o pedagogo que fundamenta sua prática em evidências científicas, pois este perfil profissional entrega resultados visíveis no letramento de crianças com necessidades específicas. Sobre o impacto do domínio metodológico na competência e rapidez do aprendizado leitor, Santos, Sousa e Lima (2022) destacam a percepção dos educadores:

Professores afirmam que através do Método Fônico o aluno desenvolve a leitura com muito mais competência e rapidez. Sendo este o mais eficaz na alfabetização dos alunos, segundo a opinião dos entrevistados. É fundamental que os profissionais que atuam na alfabetização conheçam as diferentes maneiras de alfabetizar e as implicações referentes a ela, para a partir daí, fazer uma escolha consciente sobre como organizar seu trabalho pedagógico (Santos; Sousa; Lima, 2022, p. 14).

Em suma, a mediação qualificada é o elo que une a teoria da consciência fonológica à prática inclusiva. O pedagogo instrumentado com a metodologia fônica oferece ao autista a "chave" para decifrar o mundo da escrita, transformando o potencial cognitivo em competência linguística real. Através de uma atuação técnica e ética, o profissional da educação garante que a inclusão escolar seja um processo de emancipação e desenvolvimento pleno para o educando no espectro.

3.4 Tecnologias assistivas, ludicidade e o lúdico na alfabetização fônica

A aplicação da metodologia fônica ganha uma nova dimensão nos dias atuais através do uso de tecnologias assistivas e recursos didáticos diversificados. Para alunos com TEA, o uso de suportes visuais e auditivos concretos ajuda a ancorar o aprendizado abstrato das letras e sons. O lúdico, por meio de músicas, alfabetos móveis e jogos pedagógicos, deixa de ser apenas diversão para tornar-se uma ferramenta técnica essencial que mantém o engajamento e facilita a memorização dos fonemas.

Os *softwares* computadorizados de consciência fonológica destacam-se como recursos poderosos, pois oferecem feedback imediato e permitem a repetição sistemática sem exaurir a paciência do aprendiz. Essas ferramentas possibilitam que o aluno autista visualize a posição da boca ao emitir sons e associe rapidamente o estímulo auditivo ao símbolo gráfico. A tecnologia, aliada ao rigor do método fônico, cria um ambiente de aprendizagem dinâmico e menos oneroso para o sistema nervoso da criança atípica.

A ludicidade integrada ao ensino fônico permite que o aluno descubra o prazer de ler e escrever em um ambiente livre de pressões excessivas. Ao transformar a decodificação em um jogo, o professor estimula o protagonismo do educando e favorece a síntese fonêmica de forma orgânica. Sobre a importância do contato constante com sons e a introdução de memorizações lúdicas para despertar a leitura, Santos, Sousa e Lima (2022) ressaltam:

O despertar da leitura envolve vários processos para tornarem leitores fluentes [...], entre elas destacam-se as principais etapas de estímulos que são: conversar com as crianças sobre os acontecimentos em sua vida [...], sendo essencial também a introdução de memorizações de poesias para aumentar o repertório do vocabulário e assim poderem usar a imaginação, e por fim, jogos e brincadeiras com exercícios de sons dentro da alfabetização (Santos; Sousa; Lima, 2022, p. 2).

Essa dinâmica lúdica é fundamental para que o aluno com autismo não veja a alfabetização como um fardo mecânico, mas como um processo de descoberta de sentidos. O uso de recursos musicais que enfatizam a aliteração ajuda a criança a perceber que as palavras reaparecem em diferentes contextos sonoros. Além disso, materiais como o alfabeto móvel permitem a manipulação física das letras, atendendo ao perfil de aprendizado concreto que é marca de muitos alunos inseridos no espectro autista.

A eficácia desses recursos lúdicos e tecnológicos está na capacidade de segmentar a informação linguística, tornando-a acessível. O método fônico, ao utilizar o brincar de forma intencional, garante que o direito à alfabetização se converta em autonomia real. Sobre o uso do jogo como aliado no processo de ensino-aprendizagem para memorização de letras e objetos, Silva (2022) traz a seguinte reflexão:

O jogo é um aliado no processo de ensino/aprendizagem, além de se livrar da monotonia do método tradicional, o professor faz com que os alunos memorizem as letras e alguns objetos que fazem referência a essa letra [...]. Através do lúdico, permite que a criança tenha um desenvolvimento crescente e, se divertindo a criança autista consegue se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade tudo isso através de jogos e brincadeiras (Silva, 2022, p. 18-58).

Em conclusão, a integração entre tecnologias assistivas e ludicidade dentro da metodologia fônica responde aos desafios da educação inclusiva moderna. Esses recursos funcionam como extensões da prática docente, oferecendo ao aluno com TEA múltiplas vias de acesso ao conhecimento linguístico. Ao valorizar as interações e as experiências lúdicas, o pedagogo garante que o letramento funcional ocorra de forma consolidada, preparando o estudante para sua plena participação na cultura escrita e na sociedade.

4. A mediação pedagógica no processo de alfabetização

A alfabetização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve fatores que ultrapassam a simples escolha de uma metodologia de ensino. Embora a utilização de métodos baseados em evidências científicas seja fundamental para o desenvolvimento da leitura e da escrita, o sucesso da aprendizagem depende da qualidade da mediação pedagógica realizada pelo professor. É por meio dessa intervenção que os conteúdos são adaptados, contextualizados e transformados em experiências significativas para os educandos, respeitando as singularidades do neurodesenvolvimento.

A prática pedagógica inclusiva exige do educador sensibilidade, conhecimento técnico e compromisso com a diversidade humana. Cada estudante apresenta necessidades, potencialidades e formas particulares de aprendizagem que precisam ser consideradas no planejamento das atividades escolares. No caso do aluno

autista, essa atenção torna-se vital em razão das especificidades relacionadas à comunicação, à interação social e ao processamento de informações sensoriais, que demandam uma condução pedagógica clara e estruturada.

A construção de ambientes educacionais inclusivos requer que o professor assuma o papel de mediador do conhecimento, atuando como facilitador das aprendizagens e promotor do desenvolvimento integral. Nesse processo, a utilização de recursos pedagógicos adequados e tecnologias assistivas constitui um instrumento para ampliar as possibilidades de participação. Compreender a função da mediação e dos recursos didáticos na alfabetização fônica permite a construção de práticas capazes de garantir o acesso e o sucesso escolar desses educandos.

4.1 A formação do pedagogo alfabetizador e a mediação pedagógica

O professor desempenha o papel de eixo central no processo de alfabetização, sendo responsável por planejar, organizar e conduzir situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras. No contexto da educação inclusiva, essa responsabilidade exige a compreensão profunda das particularidades apresentadas pelos estudantes presentes em sala de aula regular. A atuação do pedagogo não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a criação de estratégias que permitam ao aluno construir conhecimentos de forma ativa.

O desenvolvimento de práticas inclusivas requer formação sólida e atualização constante sobre os mecanismos de aprendizagem. O educador precisa dominar os fundamentos teóricos da alfabetização e os aspectos neurobiológicos do TEA. Entretanto, a realidade educacional demonstra que muitos profissionais ainda enfrentam insegurança para atuar junto aos alunos autistas. A formação inicial, por vezes, oferece poucas oportunidades de aprofundamento na educação especial, gerando lacunas que impactam a prática cotidiana.

Essa situação reforça a importância da formação continuada como instrumento de aperfeiçoamento profissional. No caso da metodologia fônica, a qualificação profissional é o diferencial que permite ao professor dominar a consciência fonológica. O domínio técnico possibilita ao docente identificar as falhas de processamento auditivo do aluno e intervir de forma cirúrgica. Sobre a necessidade

de capacitação especializada e o impacto da mediação qualificada na vida do estudante, Nogueira, Braga e Rossi (2022) asseveram:

Este estudo evidenciou a importância da capacitação dos professores para saberem lidar e aplicar metodologias eficazes que de fato farão a diferença na vida dessas crianças. Como limitação do estudo, pode-se citar a falta de pesquisas sobre crianças com TEA no Brasil, principalmente quando se refere ao processo de ensino/aprendizagem e alfabetização. Sugere-se a futuros pesquisadores a ampliar a amostragem pesquisada (Nogueira; Braga; Rossi, 2022, p. 60).

A mediação pedagógica eficaz permite transformar as dificuldades de abstração em oportunidades de descoberta. Quando o educador compreende as necessidades do estudante e adapta suas práticas de forma intencional, cria condições para o desenvolvimento acadêmico e emocional. O professor atua como a ponte que traduz o código alfabético para o aluno, tornando o complexo sistema de escrita algo acessível e lógico por meio da sonorização.

A atuação docente exerce influência sobre a autoestima e a segurança do aprendiz atípico. Ambientes organizados e respeitosos contribuem para que o estudante se sinta apto a participar das atividades e expressar suas percepções. A mediação qualificada também envolve a colaboração com a família e com a equipe multidisciplinar, fortalecendo a rede de apoio necessária para o progresso do aluno. O pedagogo torna-se, assim, um gestor de processos cognitivos e afetivos.

A escolha de métodos que possuem respaldo científico, como a instrução fônica, protege o professor do empirismo e da frustração. Saber "como" ensinar e "por que" determinado som deve ser introduzido primeiro oferece autoridade técnica ao docente. Essa segurança reflete-se na condução da sala de aula, onde a previsibilidade das etapas de ensino favorece a concentração do aluno com autismo. A prática profissional é fortalecida quando o educador entende a neurodiversidade como uma variável de seu planejamento.

O mercado educacional contemporâneo exige profissionais que consigam apresentar resultados efetivos no letramento. A formação voltada para a consciência fonológica instrumentaliza o pedagogo para atender a essa demanda. Sobre a superioridade dos resultados obtidos por profissionais que dominam esta técnica específica, Santos, Sousa e Lima (2022) trazem o seguinte relato:

Professores afirmam que através do Método Fônico o aluno desenvolve a leitura com muito mais competência e rapidez. Sendo este o mais eficaz na alfabetização dos alunos, segundo a opinião dos entrevistados. É fundamental que os profissionais que atuam na alfabetização conheçam as diferentes maneiras de alfabetizar e as implicações referentes a ela, para a partir daí, fazer uma escolha consciente sobre como organizar seu trabalho pedagógico (Santos; Sousa; Lima, 2022, p. 14).

A consciência sobre a escolha do método é o que caracteriza o professor alfabetizador de alta performance. Ao optar pela via fônica, o mediador garante que o aluno com TEA não fique à mercê de sua própria sorte no processo de descoberta do código escrito. A instrução explícita substitui a adivinhação, oferecendo ao cérebro autista o padrão necessário para a síntese fonêmica. A mediação é o que transforma a técnica fônica em um processo humano de inclusão.

A reflexão sobre a própria prática permite ao educador ajustar o ritmo das atividades conforme o tempo de resposta do educando. No TEA, o mediador deve estar atento para não gerar sobrecarga cognitiva, fracionando as lições conforme os degraus da consciência fonológica. Essa precisão cirúrgica no ensino é fruto de uma formação que valoriza a ciência e a subjetividade. O sucesso pedagógico é a soma da técnica fônica com a mediação sensível e planejada.

O papel do profissional capacitado é também o de combater o capacitismo dentro da instituição escolar. Ao demonstrar que alunos autistas progridem com métodos adequados, o pedagogo altera a percepção da comunidade sobre a deficiência. A formação acadêmica deve, então, fornecer as bases para que o educador defenda a alfabetização baseada em evidências. A mediação técnica garante que a escola cumpra sua função social de educar a todos com equidade.

O pedagogo alfabetizador qualificado é aquele que consegue equilibrar o rigor do método fônico com a flexibilidade exigida pela inclusão. A meta final da mediação é a autonomia do aluno, permitindo que ele transcenda a leitura mecânica e ingresse na cultura escrita. O compromisso profissional com o desenvolvimento do autista exige uma postura ética e científica constante. A mediação é o elemento que consolida a aprendizagem fônica na educação contemporânea.

4.2 Tecnologias assistivas e recursos didáticos no método fônico

O avanço das tecnologias educacionais tem ampliado as possibilidades de ensino para estudantes com necessidades educacionais específicas. No contexto da alfabetização de crianças com TEA, as tecnologias assistivas e os recursos didáticos desempenham papel essencial ao favorecer a acessibilidade e a comunicação. Esses instrumentos promovem a autonomia e a participação dos estudantes, reduzindo as barreiras impostas pelas dificuldades de processamento auditivo-visual e abstração linguística típicas do espectro.

A utilização desses recursos é relevante durante o aprendizado inicial da leitura. Muitos alunos autistas respondem melhor quando as informações são apresentadas de maneira visual, concreta e organizada. Ferramentas que associam imagens, sons e atividades interativas potencializam a compreensão das relações grafofonêmicas. No âmbito da metodologia fônica, materiais manipuláveis e softwares específicos fortalecem a percepção de que cada letra representa um som específico da fala.

Cartões ilustrados e alfabetos móveis são exemplos de estratégias frequentemente empregadas para facilitar a memorização. A associação entre a letra e uma imagem cujo nome inicia com aquele fonema ajuda a ancorar a informação na memória de longo prazo. A tecnologia digital oferece oportunidades adicionais, permitindo que os estudantes pratiquem habilidades fonológicas de maneira lúdica e motivadora, com retornos imediatos sobre seus acertos. Sobre a importância do lúdico e do jogo como recursos mediadores no desenvolvimento da criança autista.

Além de favorecer a aprendizagem acadêmica, esses recursos contribuem para o desenvolvimento da atenção e da memória operacional. Tais benefícios são importantes para estudantes que apresentam dificuldades em manter o foco em tarefas puramente abstratas. A tecnologia assistiva atua como um suporte sensorial que organiza a entrada da informação, evitando que o aluno se sinta sobrecarregado pela complexidade do sistema alfabético.

Os *softwares* computadorizados de consciência fonológica permitem a repetição sistemática dos sons, respeitando o ritmo individual. Essas ferramentas

possibilitam que o aluno visualize a articulação da boca ao emitir determinados fonemas, o que é fundamental para autistas com dificuldades de linguagem. A integração entre o som ouvido e a representação gráfica visualizada na tela consolida o aprendizado de forma dinâmica. A inovação tecnológica torna-se uma extensão da prática alfabetizadora do pedagogo.

Entretanto, a utilização desses recursos não substitui a figura do mediador. Os instrumentos devem ser compreendidos como complementos que ampliam as possibilidades de intervenção. Cabe ao professor selecionar o material mais adequado ao perfil cognitivo e nível de desenvolvimento linguístico do aluno. Não existe um recurso universal; a eficácia depende da investigação individualizada das características de cada educando sob a ótica da metodologia fônica.

A literatura destaca que a combinação entre um método estruturado e o uso de tecnologias produz resultados superiores. O engajamento lúdico minimiza a ansiedade e a resistência à escrita, transformando a decodificação em um desafio prazeroso. A alfabetização fônica encontra na tecnologia uma aliada para tornar o ensino mais explícito e menos ambíguo. Sobre a rapidez e a eficácia que o método fônico proporciona quando aliado a estratégias adequadas de ensino, Avila e Sandman (s.d.) pontuam:

Professores afirmam que através do Método Fônico o aluno desenvolve a leitura com muito mais competência e rapidez. Sendo este o mais eficaz na alfabetização dos alunos, segundo a opinião dos entrevistados. É fundamental que os profissionais que atuam na alfabetização conheçam as diferentes maneiras de alfabetizar e as implicações referentes a ela, para a partir daí, fazer uma escolha consciente sobre como organizar seu trabalho pedagógico (Avila; Sandman, s.d., p. 14).

O uso de recursos diversificados contribui para tornar o ambiente escolar um espaço de equidade. Quando as atividades são planejadas de forma acessível, as oportunidades de sucesso pedagógico são democratizadas. A tecnologia assistiva assume, assim, o papel de garantidora de direitos, assegurando que o aluno com TEA não seja privado do acesso ao conhecimento por falta de meios técnicos adequados. O letramento funcional é atingido através dessa multiplicidade de estímulos.

As estratégias de consciência fonológica, como rimas e aliterações, ganham vida através de recursos sonoros e rítmicos. Músicas e jogos de escuta facilitam a percepção da estrutura sonora das palavras, preparando o terreno para a síntese silábica. O aluno aprende a brincar com os sons antes de ser exigido na produção escrita propriamente dita. Esse percurso, mediado por materiais concretos, respeita a cronologia do desenvolvimento cerebral autista.

A integração entre inovação e tradição metodológica representa o caminho para a inclusão real no cenário educacional brasileiro. O método fônico, apesar de secular, renova-se através das novas mídias e ferramentas pedagógicas. O pedagogo alfabetizador deve estar atento a essas possibilidades para enriquecer seu repertório de intervenção. A tecnologia permite que a alfabetização saia do papel e se torne uma vivência sensorial rica para a criança inserida no espectro.

Os recursos didáticos facilitam a generalização do aprendizado para novos contextos. Ao manipular letras em diferentes suportes — digitais e físicos —, o aluno consolida a ideia de que o código escrito é estável e funcional. Essa segurança é o que permite ao autista avançar para etapas mais complexas de interpretação e produção de textos. O material didático é o veículo que transporta a teoria da consciência fonológica para a prática escolar.

Desse modo, o uso de tecnologias assistivas associadas à metodologia fônica garante condições de aprendizagem compatíveis com os princípios inclusivos. O direito ao acesso pleno à cultura escrita concretiza-se quando a escola oferece os meios necessários para superar as barreiras de processamento. A mediação docente qualificada, amparada por recursos inovadores, constitui a base para o pleno desenvolvimento do aluno com TEA na sociedade atual.

4.3. A relação entre escola e família no suporte à alfabetização fônica

O sucesso da alfabetização fônica para o aluno com Transtorno do Espectro Autista depende significativamente da harmonia entre as práticas escolares e o suporte oferecido no ambiente doméstico. No TEA, a generalização do conhecimento — a capacidade de aplicar o que foi aprendido na escola em outros contextos — costuma ser um desafio neurocognitivo. Por essa razão, a família atua como uma extensão do processo pedagógico, reforçando os estímulos sonoros e as

associações entre fonemas e grafemas que o professor introduz em sala de aula regular.

A comunicação transparente entre o pedagogo e os responsáveis permite que a estimulação da consciência fonológica ocorra de forma contínua. Quando os pais compreendem a lógica do método fônico, eles podem integrar atividades simples à rotina diária, como identificar o som inicial de objetos em casa ou brincar com rimas durante as refeições. Essa repetição em diferentes ambientes favorece a consolidação das sinapses necessárias para a decodificação, oferecendo ao aluno a previsibilidade e a segurança de que ele necessita para avançar nos degraus da leitura.

Todavia, a literatura aponta que essa integração nem sempre ocorre de maneira ideal, muitas vezes por falta de orientação técnica aos familiares ou por sobrecarga das funções de cuidado. O professor deve atuar como um instrutor dessa parceria, explicando que a alfabetização não é um processo isolado da vida social da criança. Sobre a percepção docente acerca do suporte familiar e os impasses encontrados no cotidiano das escolas públicas para a efetivação dessa rede de apoio, Nogueira, Braga e Rossi (2022) observam:

Também foi avaliado pelos professores pesquisados acerca do suporte da família dos alunos com TEA ao processo de alfabetização dos mesmos [...]. Verifica-se que a maioria (60%) dos professores acreditam que a família não oferece o suporte necessário para contribuir no processo de ensino/aprendizagem de seus filhos com TEA. Vista disso, 30% dos pesquisados disseram que consideram “bom” o suporte e apenas 10% afirmam ser excelente a participação da família (Nogueira; Braga; Rossi, 2022, p. 58-59).

Esses dados revelam uma lacuna preocupante que pode comprometer a eficácia da metodologia fônica. Se a criança autista recebe uma instrução explícita na escola, mas encontra um ambiente desarticulado em casa, o aprendizado tende a ser mais lento e fragmentado. O mediador pedagógico precisa, portanto, desenvolver estratégias de literacia familiar, instrumentalizando os pais para que eles se tornem aliados no desenvolvimento das habilidades metafonológicas, transformando as dificuldades em conquistas compartilhadas.

O papel da família ganha ainda mais relevância quando se considera que os pais são os maiores conhecedores das particularidades sensoriais e interesses

restritos dos filhos. Essas informações são valiosas para que o professor adapte os estímulos sonoros do método fônico de acordo com o que motiva a criança. Uma parceria sólida permite que o Plano de Ensino Individualizado (PEI) seja alimentado por observações reais feitas fora dos muros escolares, garantindo uma alfabetização personalizada e verdadeiramente inclusiva.

A participação ativa dos responsáveis auxilia na redução da ansiedade do aluno atípico frente ao erro. Quando os pais reforçam positivamente as tentativas de síntese fonêmica, a criança desenvolve maior autoconfiança para enfrentar os desafios acadêmicos. O método fônico, por possuir etapas claras e visíveis de progresso, facilita esse acompanhamento familiar, pois os pais conseguem perceber nitidamente quando o filho domina o som de uma letra ou consegue formar a primeira sílaba de forma autônoma.

A perspectiva dos pais sobre o processo de aquisição da leitura oferece dados que muitas vezes escapam à observação clínica ou puramente escolar. Investigar como os responsáveis percebem a evolução das habilidades de linguagem de seus filhos é um caminho para validar a eficácia das intervenções pedagógicas. Na pesquisa de Haduo (2024), destaca-se a importância de coletar essas informações diretamente com quem convive diariamente com o aluno no espectro:

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar as características do processo de aquisição de habilidades metafonológicas e alfabetização de crianças com TEA, na perspectiva de seus pais/responsáveis. [...] Houve correlação estatisticamente significativa entre diversas habilidades metafonológicas com habilidades de linguagem expressiva e receptiva, escrita e leitura para o primeiro e segundo do ensino fundamental (Haduo, 2024, p. 9-20).

A correlação identificada pela autora reforça que a percepção familiar está intrinsecamente ligada ao desempenho acadêmico real. Pais que estão atentos ao desenvolvimento metafonológico conseguem relatar avanços na linguagem expressiva, o que serve como termômetro para o ajuste das práticas docentes. O pedagogo qualificado utiliza esses relatos para validar a eficácia da instrução fônica sistemática, criando um ciclo de feedback que beneficia diretamente o letramento do estudante autista.

Além disso, a colaboração entre os ambientes favorece a estabilidade emocional, fator determinante para o aprendizado no autismo. Rupturas na rotina pedagógica ou contradições metodológicas entre casa e escola podem gerar crises de frustração. Quando o método fônico é adotado como linguagem comum entre educadores e familiares, cria-se um ambiente de aprendizagem seguro, onde a criança reconhece os mesmos padrões de ensino em diferentes esferas de sua vida.

O engajamento lúdico sugerido pela via fônica também pode ser transposto para o contexto familiar através de materiais de baixo custo ou tecnologias assistivas acessíveis. O professor pode orientar o uso de jogos de som no celular ou a confecção de alfabetos móveis com materiais reciclados para uso doméstico. Essa democratização do conhecimento técnico retira o peso da alfabetização apenas dos ombros do docente e a coloca como um projeto coletivo de emancipação do sujeito.

A formação do professor deve contemplar competências de acolhimento e orientação familiar. Saber lidar com as expectativas e inseguranças dos pais de crianças com TEA é parte integrante da mediação pedagógica. O profissional que domina a ciência da alfabetização baseada em evidências transmite a segurança necessária para que a família confie no processo e colabore ativamente, acreditando no potencial cognitivo do educando atípico.

A integração dos saberes escolares e familiares consolida a função social da escrita na vida da criança. Ao ver que seus pais e professores valorizam os mesmos sons e letras, o aluno com TEA percebe que a alfabetização é uma ferramenta real de comunicação com o mundo. O sucesso na aquisição da consciência fonológica torna-se, assim, uma vitória da rede de apoio, garantindo que o direito ao letramento funcional seja atingido com solidez e dignidade.

A educação hodierna exige que a escola seja um centro irradiador de conhecimento técnico para a comunidade. Ao priorizar a metodologia fônica e guiar as famílias nesse percurso, o pedagogo cumpre seu papel ético de garantir a equidade. A autonomia intelectual do autista é o resultado final de uma mediação técnica, sensível e, acima de tudo, compartilhada entre todos os agentes que cercam o desenvolvimento infantil no espectro.

5. Procedimentos metodológicos

A metodologia constitui a espinha dorsal de qualquer investigação científica, uma vez que estabelece o rigor e os caminhos sistemáticos necessários para o alcance dos objetivos propostos. Conforme assevera Gil (2008), a pesquisa científica transcende o senso comum ao exigir procedimentos organizados e métodos validados, capazes de assegurar a fidedignidade dos dados coletados e a profundidade das conclusões produzidas. No contexto da educação inclusiva, tal rigor é indispensável para que as análises sobre práticas pedagógicas não se limitem ao empirismo, mas se convertam em conhecimento científico aplicável.

Sob essa ótica, o presente estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa, voltada para a compreensão das percepções e experiências docentes acerca da aplicação da metodologia fônica na alfabetização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A opção pelo viés qualitativo justifica-se pela natureza intrínseca do fenômeno investigado: o processo de aprendizagem na neurodiversidade é multifacetado e subjetivo, demandando uma análise que capture nuances, significados e desafios que métricas puramente quantitativas seriam incapazes de exprimir.

Adicionalmente, esta investigação assume um caráter exploratório e descritivo. O aspecto exploratório manifesta-se na busca por aprofundar o debate sobre a eficácia da consciência fonológica em alunos atípicos no contexto vigente, enquanto o caráter descritivo sustenta-se na necessidade de detalhar as estratégias pedagógicas e as barreiras de processamento auditivo-visual identificadas pelos professores. Assim, a articulação entre a teoria bibliográfica e a coleta de dados em campo permite uma visão holística sobre o objeto de estudo.

5.1. Tipo de pesquisa

Esta pesquisa define-se como qualitativa, exploratória e descritiva. Segundo Minayo (2014), a investigação qualitativa debruça-se sobre o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e valores, ocupando-se de um nível de realidade que não pode ser inteiramente quantificado. No que concerne à alfabetização de crianças com TEA, essa abordagem permite interpretar como a

mediação profissional e a estrutura do método fônico interagem com o perfil neurocognitivo do educando.

A escolha dessa tríade metodológica ocorreu pela necessidade de investigar um campo em constante evolução na pedagogia contemporânea. Por ser exploratória, a pesquisa visa familiarizar-se com as evidências científicas mais recentes; por ser descritiva, foca no "como" as práticas inclusivas ocorrem no cotidiano escolar. O objetivo não é apenas catalogar métodos, mas compreender o impacto da instrução explícita na conquista da autonomia do aluno autista.

Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo estruturou-se em duas frentes complementares: o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo. A etapa bibliográfica envolveu o escrutínio de obras de referência, artigos científicos e legislações vigentes (como a Lei Berenice Piana e a PNA), construindo o suporte teórico necessário. Já a pesquisa de campo permitiu o contato direto com o lócus da investigação, aproximando a teoria da realidade vivenciada pelos profissionais da educação básica.

5.2. Lócus da pesquisa

O cenário escolhido para o desenvolvimento desta investigação foi a Unidade de Ensino Carlos Dias Sardinha, instituição vinculada à rede pública municipal de Bom Lugar, no estado do Maranhão. A seleção deste lócus foi estratégica, motivada pela presença de estudantes com Transtorno do Espectro Autista regularmente matriculados no Ensino Fundamental, o que permite observar a inclusão pedagógica em sua dimensão prática e cotidiana.

A instituição desempenha um papel vital na comunidade local, atendendo alunos nos anos iniciais da alfabetização, fase considerada crucial para a eficácia do método fônico. A abertura da gestão escolar e a colaboração da equipe docente foram fatores determinantes para a escolha, garantindo um ambiente propício para a coleta de dados e para a análise das dinâmicas pedagógicas voltadas à neurodiversidade.

A realização da pesquisa nesse ambiente favoreceu a compreensão dos desafios estruturais e metodológicos enfrentados por escolas que buscam efetivar as diretrizes de educação especial em contextos municipais. O contato com esse

lócus permitiu identificar como as políticas públicas de alfabetização se materializam (ou encontram resistências) nas salas de aula regulares de Bom Lugar.

5.3. Sujeitos da pesquisa

A participante da investigação foi a professora regente da turma de 1º ano do Ensino Fundamental da Unidade de Ensino Carlos Dias Sardinha, que possui em sua sala um aluno com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). A escolha da participante fundamenta-se na centralidade do papel docente no processo de alfabetização, uma vez que é a profissional responsável pela mediação entre o sistema de escrita alfabética e o estudante, pela adaptação das práticas pedagógicas e pela aplicação de estratégias fundamentadas na metodologia fônica em contexto inclusivo.

A participação da docente ocorreu de forma voluntária e consciente, em conformidade com os princípios éticos que norteiam as pesquisas na área da Educação. A participante foi previamente informada acerca dos objetivos, da natureza e dos procedimentos da pesquisa e manifestou seu consentimento mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Também foram assegurados o anonimato, a confidencialidade das informações prestadas e a utilização exclusiva dos dados para fins científicos e acadêmicos.

Com o objetivo de preservar a identidade da participante, todas as informações obtidas foram tratadas de forma confidencial, garantindo-se o anonimato durante a apresentação e a discussão dos resultados. As respostas fornecidas no questionário foram analisadas em conjunto com os dados provenientes da observação participante e confrontadas com o referencial teórico da pesquisa, possibilitando compreender como sua formação e sua prática pedagógica se relacionam com a utilização da metodologia fônica na alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

5.4. Instrumentos de coleta de dados

O principal instrumento de coleta de dados primários foi o questionário estruturado, composto por perguntas objetivas e subjetivas (abertas). Este recurso permitiu uma abordagem mista: a parte objetiva auxiliou na tabulação de tendências metodológicas, enquanto as questões abertas ofereceram espaço para que os

professores descrevessem, com detalhes, as evidências de aprendizagem e as barreiras observadas na alfabetização de autistas.

A elaboração do questionário seguiu rigorosamente os objetivos da pesquisa, focando em eixos como: o nível de familiaridade com a consciência fonológica, o uso de tecnologias assistivas e a percepção sobre a autonomia do aluno. A fundamentação deste instrumento buscou amparo na literatura especializada (Capovilla, 2007; Haduo, 2024), garantindo que as perguntas abordassem as competências metalinguísticas essenciais.

Complementarmente à aplicação dos questionários, utilizou-se a observação indireta via registros da literatura científica e documentos pedagógicos das unidades. Essa triangulação de informações permitiu confrontar o discurso docente com as evidências acadêmicas, possibilitando o estabelecimento de relações entre o que é proposto pelo método fônico e o que é efetivamente exequível no quadro atual do ensino regular.

5.5. Procedimentos de análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo, conforme a metodologia proposta por Bardin (2011). Esse procedimento permite o tratamento sistemático e objetivo das mensagens, possibilitando a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das falas docentes. A exploração foi dividida em três fases fundamentais: a pré-análise (leitura flutuante), a exploração do material e o tratamento dos resultados (interpretação).

Na fase de pré-análise, realizou-se a leitura integral dos questionários para identificar unidades de registro e temas recorrentes. Em seguida, os dados foram agrupados em categorias analíticas, tais como: "Sistematização Fônica e TEA", "Barreiras de Processamento Linguístico" e "Necessidades de Formação Continuada". Essas categorias serviram de guia para a interpretação das percepções docentes de forma organizada.

Posteriormente, as informações obtidas no campo foram confrontadas com o referencial teórico consolidado no trabalho. Esse diálogo entre os dados empíricos de Bom Lugar e os achados de autores como Capovilla, Silva e Haduo permitiu construir uma verificação fundamentada cientificamente. A análise buscou desvelar

se a prática pedagógica observada corrobora a hipótese de que a instrução fônica explícita potencializa o letramento funcional no autismo.

Portanto, a síntese dos resultados permitiu identificar as potencialidades e as lacunas na aplicação da metodologia fônica no lócus pesquisado. Os procedimentos adotados garantiram que a monografia apresentasse conclusões robustas, contribuindo para o fortalecimento de práticas alfabetizadoras baseadas em evidências e para a valorização da neurodiversidade no cenário educacional maranhense.

6. Discussão dos resultados

A exploração dos dados obtidos na Unidade de Ensino Carlos Dias Sardinha, em Bom Lugar – MA, especificamente na turma de 1º ano do Ensino Fundamental sob a regência da Professora Edira Silva Alencar Farias, permitiu compreender a materialização da metodologia fônica em um cenário real de inclusão. A turma, composta por 21 discentes, conta com um aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que recebe suporte de uma mediadora exclusiva, configuração que valida a aplicação das diretrizes inclusivas previstas na Lei nº 12.764/2012 e na Lei Brasileira de Inclusão (LBI, 2015).

No que tange ao ambiente escolar, a organização da sala em semicírculo e grupos revela-se uma estratégia eficaz para fomentar a interação social, minimizando a tendência ao isolamento observada no aluno com TEA. Diferente de ambientes pouco estimulantes, o lócus da pesquisa apresentou iluminação e espaço adequados, além de um acervo variado composto por silabários e recursos musicais, o que corrobora a tese de Silva (2022) sobre a importância de um ambiente favorável para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos e afetivos na alfabetização.

A prática pedagógica da Professora Edira demonstrou o uso predominante da metodologia fônica durante toda a aula. A docente utiliza uma abordagem lúdica e divertida, apresentando os sons das letras através de músicas e imagens, reforçando a relação entre fonema e grafema com atividades impressas. Esse dado de campo reflete o que Capovilla (2007) define como instrução explícita e

sistemática, essencial para que o aluno com TEA não dependa de deduções implícitas, mas compreenda a estrutura sonora da língua de forma lógica.

A reação do aluno às atividades fônicas evidenciou a eficácia dessa sistematização: embora apresentasse desinteresse inicial e dificuldades de concentração, o estudante passava a sussurrar as letras e balbuciar os sons estudados no decorrer da aula. Conforme Haduo (2024), esse balbucio esporádico e a percepção dos sons são indicadores críticos do desenvolvimento da consciência fonológica em crianças atípicas. A mediação integral, tanto da professora quanto da mediadora, permitiu que o aluno compreendesse as propostas e progredisse, mesmo diante de distrações.

Um ponto de destaque na observação foi a utilização estratégica do hiperfoco do aluno no personagem "Sonic" como reforço positivo. A cada acerto nas atividades fônicas, o estímulo ao "super foco" era utilizado para manter o engajamento e a estabilidade emocional. Essa mediação qualificada vai ao encontro das discussões de Nogueira, Braga e Rossi (2022), demonstrando que o domínio técnico do professor deve estar aliado à sensibilidade para utilizar os interesses da criança como ponte para a aprendizagem acadêmica.

As dificuldades identificadas, como a agressividade inicial quando contrariado e a necessidade de auxílio constante para tarefas práticas, reforçam que o processo de alfabetização no TEA exige paciência e um tempo pedagógico subjetivo. No entanto, as evidências de aprendizagem coletadas — como a capacidade do aluno de copiar o próprio nome e acompanhar a sonorização da música das vogais por meio de imagens — confirmam que a via fonológica é o caminho mais assertivo. A integração entre o som, o recurso visual e a mediação afetiva permitiu que o aluno com TEA participasse ativamente da cultura escrita, garantindo uma inclusão que transcende a matrícula e atinge a autonomia intelectual na sociedade.

Com o intuito de complementar as evidências observadas em campo, aplicou-se um questionário à professora regente da turma investigada. Os resultados obtidos permitiram compreender, sob a perspectiva docente, os desafios, as potencialidades e as contribuições da metodologia fônica para o processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Tabela 01 – Dificuldades pedagógicas no processo de alfabetização de alunos com TEA

Pergunta	Resposta
Você encontra dificuldades pedagógicas específicas no processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?	Sim

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A resposta da professora confirma os aspectos identificados durante a observação em sala de aula. A docente reconhece que o TEA apresenta um funcionamento neurocognitivo singular, exigindo adaptações constantes das práticas pedagógicas. Mesmo dominando a metodologia fônica, enfrenta desafios relacionados à mediação do ensino, à modulação dos estímulos sensoriais do ambiente e à necessidade de personalização das atividades. Tais resultados evidenciam que a alfabetização inclusiva demanda estratégias flexíveis e intervenções pedagógicas individualizadas para atender às especificidades dos estudantes autistas.

Tabela 02 – Familiaridade com os fundamentos da Metodologia Fônica

Pergunta	Resposta
Em sua prática docente, qual o seu nível de familiaridade com os fundamentos da Metodologia Fônica?	Familiarizado

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A resposta demonstra que a professora possui domínio dos princípios fundamentais da metodologia fônica, especialmente da relação entre fonemas e grafemas. Durante a observação, verificou-se que a docente utilizava músicas, imagens e exercícios sistemáticos para desenvolver a consciência fonológica dos alunos. Esse resultado reforça que o conhecimento teórico-metodológico é indispensável para a efetivação de práticas inclusivas e para a promoção da alfabetização de estudantes com TEA.

Tabela 03 – Frequência de utilização da consciência fonológica

Pergunta	Resposta
Com que frequência você utiliza estratégias de consciência fonológica com alunos autistas?	Quase sempre

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A frequência relatada demonstra a compreensão da professora acerca da importância da consciência fonológica como base para a alfabetização. O trabalho recorrente com rimas, sons iniciais, aliteraões e identificação fonêmica favorece o desenvolvimento das habilidades necessárias para a leitura e a escrita. Os dados observados em sala corroboram essa percepção, uma vez que o aluno apresentou respostas positivas às atividades centradas na percepção sonora da linguagem.

Tabela 04 – Principais dificuldades apresentadas pelos alunos com TEA

Pergunta	Resposta
Quais habilidades o aluno com TEA apresenta maior dificuldade no início do Ensino Fundamental?	Atenção e concentração

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Os resultados revelam que a atenção e a concentração constituem os principais desafios enfrentados pelos alunos com TEA no processo inicial de alfabetização. Tal constatação foi observada durante a pesquisa de campo, quando o estudante apresentou dificuldades para manter o foco contínuo nas atividades. Entretanto, estratégias mediadoras adequadas e o uso de interesses específicos da criança demonstraram potencial para ampliar significativamente seu engajamento.

Tabela 05 – Impacto do método fônico na segurança da aprendizagem

Pergunta	Resposta
Ao aplicar o método fônico, você observa melhora na segurança e na previsibilidade do aprendizado para o aluno com TEA?	Sim, melhora significativamente

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Segundo a professora, a metodologia fônica proporciona maior previsibilidade ao processo de aprendizagem por apresentar uma lógica clara entre sons e letras. Essa organização reduz a insegurança do estudante, favorecendo a compreensão do funcionamento da escrita. A observação em sala confirmou essa percepção, evidenciando maior participação do aluno à medida que compreendia as relações sonoras trabalhadas durante as atividades.

Tabela 06 – Planejamento e sistematização do processo de alfabetização

Pergunta	Resposta
A metodologia fônica utilizada em sala de aula respeita o tempo de processamento e a neurodiversidade da criança autista?	Parcialmente

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A resposta evidencia que existem esforços voltados para a inclusão e para a utilização de metodologias adequadas. Contudo, a professora considera que ainda há necessidade de ampliação do suporte institucional e da sistematização das práticas pedagógicas voltadas aos estudantes atípicos. Tal percepção demonstra que a efetividade da inclusão depende não apenas da atuação docente, mas também de políticas e recursos educacionais consistentes.

Tabela 07 – Respeito ao tempo de processamento da criança autista

Pergunta	Resposta
O processo de alfabetização de alunos atípicos ocorre de forma planejada e sistematizada na escola, com suporte metodológico adequado?	Sim

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A professora afirma que a metodologia fônica possibilita adaptações que respeitam o ritmo individual da criança. Por ser estruturada em etapas progressivas, essa abordagem permite intervenções compatíveis com as necessidades específicas do aluno autista. Os dados observados em campo confirmam essa

percepção, uma vez que o estudante demonstrou avanços graduais quando lhe foi concedido tempo adequado para compreender e executar as atividades.

Tabela 08 – Uso de recursos tecnológicos e materiais concretos

Pergunta	Resposta
O uso de recursos tecnológicos ou materiais concretos auxilia na aplicação do método?	Sim, é indispensável

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Os recursos tecnológicos e materiais concretos foram apontados como elementos essenciais para o sucesso da alfabetização inclusiva. A utilização de imagens, músicas, alfabeto móvel e outros recursos visuais favorece a compreensão dos conteúdos e torna o aprendizado mais significativo para o aluno com TEA. Essa percepção também foi constatada durante a observação, quando os estímulos visuais contribuíram para aumentar o interesse e a participação do estudante.

Tabela 09 – Formação acadêmica para atuação inclusiva

Pergunta	Resposta
Você considera que sua formação acadêmica/profissional a preparou adequadamente para aplicar o método fônico em contextos inclusivos?	Parcialmente

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A docente reconhece que sua formação inicial ofereceu fundamentos importantes, porém insuficientes para atender às demandas da educação inclusiva. Dessa forma, a experiência prática e a formação continuada tornaram-se elementos indispensáveis para o aperfeiçoamento de sua atuação profissional. Esse resultado reforça a necessidade de investimentos permanentes na capacitação docente voltada à inclusão escolar.

Tabela 10 – Relação entre instrução fônica e autonomia intelectual

Pergunta	Resposta
Em sua percepção, o domínio da relação entre som e letra contribui para a autonomia intelectual do aluno com TEA?	Sim

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Ao afirmar que a instrução fônica explícita contribui para a autonomia intelectual do aluno com TEA, a professora destaca que o domínio da relação entre fonemas e grafemas permite maior independência na leitura e na escrita. As observações realizadas durante a pesquisa corroboram essa percepção, demonstrando que a apropriação gradual do sistema de escrita fortalece a participação escolar, a comunicação e a inclusão social da criança.

De modo geral, os resultados da observação participante e das respostas fornecidas pela docente convergem para a compreensão de que a metodologia fônica constitui uma estratégia eficaz para a alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Embora persistam desafios relacionados à atenção, à concentração e à necessidade de adaptações pedagógicas constantes, os dados evidenciam que a instrução fônica explícita, associada ao uso de recursos concretos, mediação qualificada e respeito ao tempo individual de aprendizagem, favorece significativamente o desenvolvimento da consciência fonológica, da leitura, da escrita e da autonomia intelectual. Assim, conclui-se que a adoção de práticas sistematizadas e inclusivas contribui para a efetivação do direito à educação de qualidade e para a construção de trajetórias escolares mais exitosas para estudantes com TEA.

Considerações

As considerações finais deste estudo permitem validar a premissa de que a metodologia fônica constitui um dos caminhos mais seguros e assertivos para a alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na conjuntura hodierna. Ao longo da investigação, ficou evidente que o ensino sistemático e explícito das relações entre fonemas e grafemas oferece a estrutura lógica necessária para transpor as barreiras de abstração linguística inerentes ao espectro.

O cumprimento do objetivo geral revelou que a consciência fonológica não é apenas uma habilidade mecânica, mas o alicerce para que o estudante conquiste sua autonomia intelectual.

A fundamentação teórica, confrontada com a realidade observada, ratificou a superioridade dos métodos baseados em evidências científicas. O processamento cognitivo atípico, que muitas vezes se desconecta em abordagens puramente globais e assistemáticas, encontra no método fônico um roteiro previsível e organizado. Essa sistematização reduz a sobrecarga sensorial do educando e favorece a via neural de decodificação, permitindo que o aprendizado ocorra de forma sequencial e respeitosa ao ritmo biológico da criança inserida no espectro.

Os resultados obtidos no campo, especificamente na Unidade de Ensino Carlos Dias Sardinha, em Bom Lugar - MA, trouxeram evidências sensíveis de que a teoria se materializa no êxito pedagógico. A observação da prática docente revelou que o aluno com TEA, quando estimulado por recursos sonoros e visuais, consegue progredir da resistência inicial para a participação ativa, balbuciando sons e reconhecendo grafemas. O uso de estratégias como o hiperfoco no personagem Sonic demonstrou que a técnica deve caminhar lado a lado com a criatividade e a flexibilidade do professor.

A atuação qualificada da professora regente e da mediadora exclusiva mostrou-se como o diferencial para a efetivação da inclusão. Ficou demonstrado que a mediação pedagógica vai além da simples tradução de conteúdos; trata-se de um gerenciamento de processos cognitivos e afetivos que mantém o aluno engajado no percurso leitor. A formação técnica desses profissionais é o que garante que as dificuldades comportamentais sejam manejadas com paciência e acolhimento, transformando crises de frustração em momentos de descoberta intelectual.

O estudo também destacou a importância indispensável dos recursos lúdicos e das tecnologias assistivas no suporte ao método fônico. A música, o alfabeto móvel e as atividades adaptadas atuam como âncoras sensoriais que facilitam a memorização e a síntese fonêmica. Essas ferramentas retiram o peso da alfabetização tradicional e transformam a decodificação em uma experiência divertida, provando que o rigor científico não exclui a ludicidade, mas a utiliza como um motor de aprendizagem para o cérebro autista.

Sob a ótica social e jurídica, esta pesquisa reforça que a alfabetização é a concretização dos direitos garantidos pela Lei Berenice Piana e pela Lei Brasileira de Inclusão. Garantir que o aluno com TEA aprenda a ler e escrever de forma funcional é o primeiro passo para sua inserção plena na sociedade e na cultura escrita. A escola cumpre sua função social quando deixa de apenas "integrar" fisicamente o aluno e passa a oferecer as chaves pedagógicas para que ele compreenda e atue no mundo ao seu redor.

Apesar dos avanços observados, os impasses identificados no campo e na literatura apontam para a necessidade premente de investimentos em formação continuada para os docentes da rede municipal. Muitos profissionais ainda sentem a lacuna deixada por uma formação acadêmica que pouco aprofunda os métodos fônicos aplicados à neurodiversidade. O fortalecimento das políticas públicas de alfabetização inclusiva e a disponibilização de materiais didáticos mais acessíveis são passos urgentes para que exemplos como o de Bom Lugar se tornem a regra, e não a exceção.

Por fim, este trabalho contribui para o curso de Pedagogia da UEMA ao oferecer um registro técnico e humano sobre a prática alfabetizadora na região do Médio Mearim. Espera-se que as discussões aqui sistematizadas inspirem novos pesquisadores e auxiliem pedagogos em formação a olharem para o autismo com o rigor da ciência e a sensibilidade do acolhimento. A jornada da criança autista rumo ao letramento é um processo coletivo que, mediado pela consciência fonológica, abre caminhos para um futuro de maior dignidade, comunicação e autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9765.htm. Acesso em: 30 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996].

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 30 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, [2015].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização: método fônico**. 4. ed. São Paulo: Memnon, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES DE AVILA, Sibelly Khetrin; **SANDMAM**, André. **Alfabetização pelo método fônico**. Medianeira: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), [s.d.].

GUIMARÃES, C. M. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 80-142, set./dez. 2017.

HADUO, Michele Dias Hayssi Miranda. **Processo de aquisição de habilidades metafonológicas e alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista: perspectiva dos pais**. 2024. 153 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, 2024.

JERKE, Raquel B. **Método fônico de alfabetização: a nova indicação do MEC**. Orientadora: Ana Rosa Massolin Albrecht. 2021. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Alfabetização e Letramento) – Centro Universitário Internacional (UNINTER), Curitiba, 2021.

KOSLOSKI, Pamela Marcele Bello; RODRIGUES, Maria Ester. Métodos fônicos de alfabetização. **Educere - Revista da Educação da UNIPAR**, Umuarama, v. 23, n. 1, p. 324-346, 2023.

NOGUEIRA, Regina Lima; BRAGA, Elizângela A.; **ROSSI**, Cláudia Maria Soares. Educação inclusiva no Brasil: um estudo sobre a alfabetização em crianças autistas. In: **Escola, Família e Educação: pesquisas emergentes na formação do ser humano**. Vol. 2. São Paulo: Editora Científica Digital, 2022. p. 53-61.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Graciely Tomaz dos; SOUSA, Jeany Silva; LIMA, Angela Ferreira. Alfabetização e letramento: o uso do método fônico como recurso pedagógico. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, 2022.

SILVA, Gilvane Fragoso da. **Contribuições do método fônico no processo de alfabetização de crianças com transtorno espectro autista no ensino regular nos anos iniciais do ensino fundamental I**. 2022. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Anhanguera, São Luís, 2022.

APÊNDICES

Questões:

1. Você encontra dificuldades pedagógicas específicas no processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

☐ Sim

☐ Não

2. Em sua prática docente, qual o seu nível de familiaridade com os fundamentos da Metodologia Fônica (ensino baseado em fonemas e grafemas)?

☐ Muito familiarizado

☐ Familiarizado

☐ Pouco familiarizado

☐ Desconheço o método

3. Com que frequência você utiliza estratégias de Consciência Fonológica (rimas, aliteraões, sons das letras) com alunos autistas?

☐ Sempre

☐ Quase sempre

☐ Às vezes

☐ Raramente

☐ Nunca

4. Quais habilidades o aluno com TEA apresenta maior dificuldade no início do Ensino Fundamental, sob sua perspectiva?

☐ Atenção e concentração

☐ Coordenação motora

☐ Decodificação de sons e letras

☐ Autonomia

☐ Interação social

5. Ao aplicar o método fônico, você observa melhora na segurança e na previsibilidade do aprendizado para o aluno com TEA?

- ☐ Sim, melhora significativamente
- ☐ Melhora parcialmente
- ☐ Não percebo diferença
- ☐ Sinto que o método os confunde

6. O processo de alfabetização de alunos atípicos ocorre de forma planejada e sistematizada na escola, com suporte metodológico adequado?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não

7. A metodologia fônica utilizada em sala de aula respeita o tempo de processamento e a neurodiversidade da criança autista?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não

8. O uso de recursos tecnológicos (*softwares* de consciência fonológica) ou materiais concretos (alfabeto móvel) auxilia na aplicação do método?

- ☐ Sim, é indispensável
- ☐ Auxilia ocasionalmente
- ☐ Não utilizo esses recursos

9. Você considera que sua formação acadêmica/profissional o preparou adequadamente para aplicar o método fônico em contextos inclusivos?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não

10. Em sua percepção, o domínio da relação entre som e letra (instrução fônica explícita) contribui para a autonomia intelectual do aluno com TEA?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não